

## Atualidade Econômica/Trimestre

# No setor industrial, ainda a recessão

ANTÔNIO CARLOS DE GODOY

A análise de alguns dos principais indicadores de desempenho da economia brasileira durante o terceiro trimestre revela ter havido um aumento da recessão industrial iniciada nos dois primeiros trimestres do ano, ao contrário do que previam as autoridades econômicas e até mesmo dirigentes de importantes grupos empresariais. Enquanto muitos esperavam maiores taxas de expansão industrial no segundo semestre, em razão da necessidade de repor estoques, a queda da produção manufatureira e o desemprego foram-se acentuando. A

partir dos dados até agosto, a Fundação IBGE podia diagnosticar uma diminuição de 6% no produto da indústria de transformação, nos oito primeiros meses do ano, em comparação com igual período de 1980.

A divulgação dessa estatística causou um choque no mundo dos negócios, cujos dirigentes ainda se recordavam das previsões do ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, feitas na Escola Superior de Guerra no final de junho, segundo as quais a economia deveria crescer 5% em 1981. Ninguém teria sido capaz de antecipar uma recessão tão profunda na indústria, a

maior desde 1965, outro mau ano para o setor manufatureiro. Tanto é assim que o próprio ministro da Fazenda, Ernane Galvães, em pronunciamento público, revelava nunca ter visto situação tão grave e confessava a surpresa das autoridades econômicas, que não esperavam tamanha desaceleração do crescimento industrial, que só em São Paulo levou 300 mil pessoas ao desemprego.

Para reforçar o quadro geral de pessimismo, vieram as projeções de crescimento zero ou negativo para o Produto Interno Bruto, pela primeira vez no País desde a instituição do sistema de contas nacionais. Quer essa

visão se confirme ou não, ficou evidente para muitos empresários de São Paulo que as autoridades exageraram no aperto ao crédito e no estímulo à elevação dos juros.

Ninguém nega os aspectos positivos dessa política, entre eles a acentuada melhora da balança comercial, que pode fechar o ano com superávit de US\$ 1 bilhão; a recuperação da imagem do País junto à comunidade financeira internacional, o que facilitou a captação de recursos para equilibrar o balanço de pagamentos, cujo déficit em conta corrente ficará perto dos US\$ 10,2 bilhões; e a queda da taxa

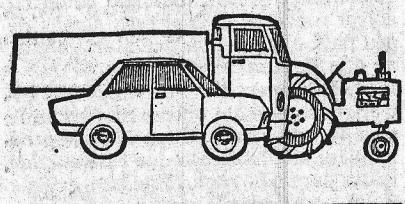
de inflação, que pode ficar abaixo de 100% em 81.

Todavia, o que muitos empresários perguntam é se as autoridades econômicas não teriam exagerado nos freios que impuseram à atividade econômica. Possivelmente, argumentam ponderáveis setores do empresariado, resultados semelhantes aos obtidos teriam sido possíveis mediante uma política monetária menos restritiva.

A queda da produção industrial trouxe problemas para a área de energia elétrica, que não poderá — mais uma vez — remunerar adequadamente os investimentos. Em setembro, o cresci-

mento do consumo de energia elétrica em todo o País foi nulo (em setembro de 1980, a expansão chegou aos 8,1%). Outro setor atingido pela recessão foi o siderúrgico, que vai produzir este ano entre 13,1 e 13,5 milhões de toneladas de aço, com uma redução de 12 a 14% em relação a 1980.

As autoridades e o meio empresarial acreditam em uma leve melhora do desempenho industrial no último trimestre do ano, mas ela não será suficiente para melhorar muito as estatísticas magras de 1981. Assim, na maior parte das empresas, a preocupação agora é com 1982.



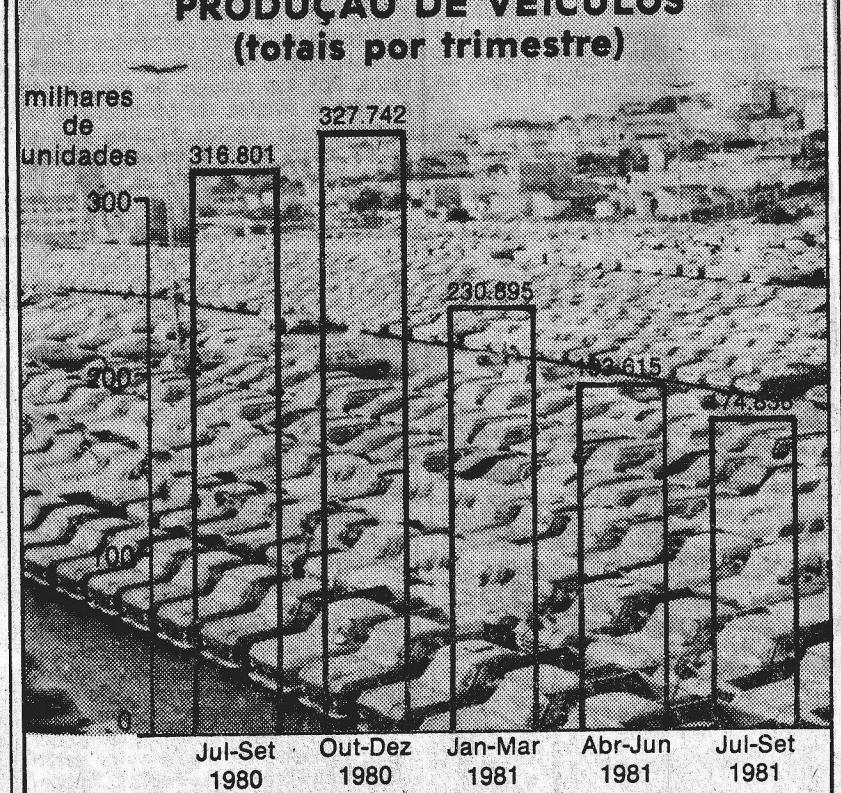
## Indústria automobilística

**Produção:** Diminuiu 9,8% no período julho-setembro, em relação ao trimestre anterior. As vendas de veículos continuaram prejudicadas pelos frequentes aumentos de preço, pelas elevadas taxas de juros e pelos menores prazos de financiamento. Ao todo, a indústria conseguiu vender no mercado interno apenas 133.581 veículos.

**Exportação:** O setor colocou 56.048 unidades no mercado externo, contra 64.172 no segundo trimestre e 54.265 no primeiro.

**Emprego:** As montadoras demitiram cerca de 11 mil empregados no terceiro trimestre, elevando o total de dispensas para 28 mil em 1981.

**Perspectivas:** O clima permanece pessimista no setor. Não há, por enquanto, elementos que permitam prever uma retomada do crescimento da produção e vendas, pelo menos enquanto persistirem as altas taxas de juros e as restrições ao crédito para o consumidor.



## Autopeças

**Produção:** Houve decréscimo de 4% na produção e vendas da indústria de autopeças no terceiro trimestre, em relação ao segundo (o qual já foi bastante inferior ao primeiro e à média do ano passado). O período julho-setembro foi marcado por substancial redução na demanda por componentes de caminhões, cuja queda foi posterior à dos veículos de passeio, ocorrida durante o primeiro semestre do ano. Não houve qualquer recuperação do mercado de automóveis; o mercado de reposição, por sua vez, continuou deprimido, embora em menor medida que o das montadoras.

**Exportação:** As vendas externas do terceiro trimestre foram praticamente iguais às do segundo, quando cresceram 25% em relação aos três primeiros meses de 1981.

**Problemas:** O comportamento das vendas da indústria automobilística foi o principal fator determinante do nível de atividade do setor de autopeças. Além da diminuição das vendas de veículos, houve a retração provocada pela necessidade de reduzir os estoques nos pátios das montadoras. O resultado foi um volume de encomendas à indústria de peças bastante baixo e, o que é pior para os fabricantes, a instabilidade dos pedidos, que não se mantêm firmes durante o mês.

**Emprego e investimentos:** O nível de emprego continuou caindo no terceiro trimestre, em ritmo bem mais lento do que o verificado nos primeiros seis meses do ano; em setembro, a redução foi suficientemente pequena para indicar uma virtual estabilização do nível atual durante o quarto trimestre. Os investimentos das empresas do setor têm sido muito reduzidos, limitando-se ao necessário para atender a demanda de novas autopeças para os modelos 1982, sem incremento da capacidade produtiva, em virtude da ampla margem de ociosidade existente.

**Perspectivas:** O terceiro trimestre de 1981 foi considerado período de transição em relação a um novo patamar da demanda; a interpretação otimista dessa visão prevê um ligeiro aumento das encomendas de peças mesmo sem aumento das vendas de veículos, por haver terminado o período de desestocagem de veículos e componentes em poder da indústria automobilística. No entanto, a maioria dos empresários do setor preferiu acreditar em uma estabilização da produção no último trimestre, quando os níveis de setembro seriam mantidos.

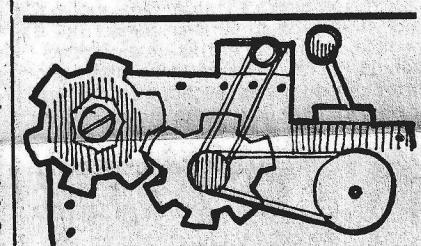
## Fundição

**Produção:** A produção de fundidos no terceiro trimestre (337.541 t) foi 12,2% menor que a do segundo (384.443 t). Os dados de vendas ainda não foram totalmente computados, porém há indicações de que as empresas do setor possuem considerável quantidade de peças em estoque. Isso significa que as vendas foram menor que a produzida no período.

**Exportação:** Faltam dados sobre o terceiro trimestre, mas as empresas do setor esperam queda de 2% em relação aos valores exportados no ano passado. Problemas: Diminuição de pedidos e alta acentuada dos principais insumos de fusão (ferro-liga, eletrodos, coque, eletricidade, óleo combustível, areia, etc.).

**Emprego e investimentos:** A queda no nível de emprego no período junho-agosto/81 foi 7,7%, em relação aos três meses anteriores. Contudo, agosto de 81 comparado com agosto de 1980 apresentou diminuição de 17,4%.

**Perspectivas:** Produção e emprego devem continuar em queda no terceiro trimestre do ano.



## Máquinas e equipamentos

**Produção:** Diminuiu 0,65% em relação ao volume do segundo trimestre. No mesmo período, as vendas (em valores deflacionados) caíram 3,2%.

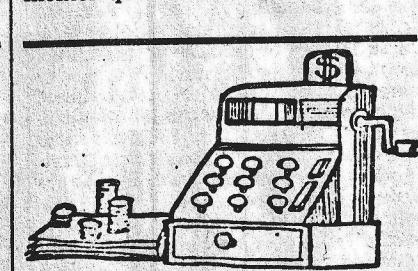
**Problemas:** A queda da produção industrial e o adiamento de investimentos estatais têm sido as principais causas da crescente diminuição da demanda de máquinas e equipamentos.

**Perspectivas:** As expectativas para o último trimestre do ano são desfavoráveis, em razão da falta de novos investimentos, dos altos custos financeiros, dos reajustes salariais e pagamento do 13º salário (que pressionarão a demanda de recursos pelas empresas).

## Indústria de alimentação

**Produção:** Os dados disponíveis sobre o setor são parciais. Há indicações seguras, no entanto, de que essa indústria foi a menos afetada pela recessão industrial, devendo apresentar crescimento de 6% em 1981. Durante o terceiro trimestre, os produtos derivados de matéria-prima importada ou semi-industrializada apresentaram produção equivalente à do segundo trimestre. Os produtos derivados do tomate (acabado ou semi-industrializado) tiveram razoável diminuição, em razão das geadas que prejudicaram a plantação no inverno (essa queda está sendo recuperada com novos plantios).

**As vendas no período julho-setembro apresentaram ligeira expansão. Esse comportamento não se deve a qualquer melhora da demanda, representando apenas variação sazonal (o terceiro trimestre geralmente supera o segundo e o quarto é melhor que o terceiro).**



## Comércio

**Movimento:** Dados da região metropolitana de São Paulo, referentes ao período julho-setembro, confirmam a tendência de queda das vendas observada desde os primeiros meses do ano. Até agosto, o volume real de vendas diminuiu 20,11%, em relação ao mesmo período do ano passado. Fontes do setor que há anos realizam pesquisas sistemáticas informam que 1981 é o pior ano desde 1976 para o comércio.

**Em setembro, o faturamento cresceu 1,5% em relação ao total de agosto, mas nos nove meses de 81 a retração nas vendas foi de 21%. Ainda em setembro, apenas os setores de supermercados (11,67%) e calçados (11,9%) apresentaram resultado positivo. Nas concessionárias de veículos, houve a maior queda de 53,34%, em relação ao ano passado.**

**Problemas:** Não se confirmaram as encomendas de vagões, esperadas desde fins do ano passado, da RFFSA e Fepasa.

Assim, com exceção dos pequenos pedidos de clientes dos setores de siderurgia e petroquímica, a carteira está vazia. Na linha de carros de passageiros, o andamento das entregas está mais reduzido, em razão da falta de recursos dos compradores, inclusive com atrasos de pagamento de carros já entregues. No segmento das locomotivas, um dos fabricantes está concluindo contrato de 74 unidades para a RFFSA e outro está iniciando as entregas de uma compra de 60 unidades pelo mesmo cliente. Em breve, o terceiro fabricante deverá iniciar as primeiras entregas de suas locomotivas.

**Exportação:** A demanda do mercado externo foi responsável por 84% dos vagões completos e 100% dos incompletos produzidos no trimestre. Não houve exportações de locomotivas (este ano apenas uma unidade foi vendida, em fevereiro).

**Problemas:** Não se confirmaram as encomendas de vagões, esperadas desde fins do ano passado, da RFFSA e Fepasa.

Assim, com exceção dos pequenos pedidos de clientes dos setores de siderurgia e petroquímica, a carteira está vazia. Na linha de carros de passageiros, o andamento das entregas está mais reduzido, em razão da falta de recursos dos compradores, inclusive com atrasos de pagamento de carros já entregues. No segmento das locomotivas, um dos fabricantes está concluindo contrato de 74 unidades para a RFFSA e outro está iniciando as entregas de uma compra de 60 unidades pelo mesmo cliente. Em breve, o terceiro fabricante deverá iniciar as primeiras entregas de suas locomotivas.

**Perspectivas:** Tradicionalmente, o quarto trimestre é muito bom. Neste ano, a mudança da tabela do Imposto de Renda, desde outubro, vai ajudar as vendas, somando-se aos efeitos favoráveis do pagamento do 13º salário. Entretanto, os juros elevados deverão continuar a inibir os consumidores, principalmente nos segmentos de produtos de alto valor unitário, onde é grande a importância das vendas a prazo. O comportamento das vendas neste trimestre não deverá ser suficiente para alterar o perfil geral do ano, em virtude da perda do poder aquisitivo da população e das apreensões quanto à manutenção do emprego.

**Perspectivas:** A queda no nível de emprego no período junho-agosto/81 foi 7,7%, em relação aos três meses anteriores. Contudo, agosto de 81 comparado com agosto de 1980 apresentou diminuição de 17,4%.

**Problemas:** Faltam dados sobre o terceiro trimestre, mas as empresas do setor esperam queda de 2% em relação aos valores exportados no ano passado. Problemas: Diminuição de pedidos e alta acentuada dos principais insumos de fusão (ferro-liga, eletrodos, coque, eletricidade, óleo combustível, areia, etc.).

**Emprego e investimentos:** A queda no nível de emprego no período junho-agosto/81 foi 7,7%, em relação aos três meses anteriores. Contudo, agosto de 81 comparado com agosto de 1980 apresentou diminuição de 17,4%.

**Perspectivas:** Produção e emprego devem continuar em queda no terceiro trimestre do ano.

## Material ferroviário

**Produção:** No terceiro trimestre, a indústria ferroviária apresentou os seguintes resultados: 140 vagões completos e 100 incompletos, 45 carros de passageiros e 30 locomotivas (para uma capacidade de produção trimestral de 2.250 vagões, 200 carros de passageiros e 55 locomotivas). Houve, portanto, um aumento de 17 vagões completos, a manutenção do número de vagões incompletos, queda de 25 carros de passageiros e crescimento de 20 locomotivas (em comparação com os números do segundo trimestre).

**Exportação:** A demanda do mercado externo foi responsável por 84% dos vagões completos e 100% dos incompletos produzidos no trimestre. Não houve exportações de locomotivas (este ano apenas uma unidade foi vendida, em fevereiro).

**Problemas:** Não se confirmaram as encomendas de vagões, esperadas desde fins do ano passado, da RFFSA e Fepasa.

Assim, com exceção dos pequenos pedidos de clientes dos setores de siderurgia e petroquímica, a carteira está vazia. Na linha de carros de passageiros, o andamento das entregas está mais reduzido, em razão da falta de recursos dos compradores, inclusive com atrasos de pagamento de carros já entregues. No segmento das locomotivas, um dos fabricantes está concluindo contrato de 74 unidades para a RFFSA e outro está iniciando as entregas de uma compra de 60 unidades pelo mesmo cliente. Em breve, o terceiro fabricante deverá iniciar as primeiras entregas de suas locomotivas.

**Perspectivas:** Tradicionalmente, o quarto trimestre é muito bom. Neste ano, a mudança da tabela do Imposto de Renda, desde outubro, vai ajudar as vendas, somando-se aos efeitos favoráveis do pagamento do 13º salário. Entretanto, os juros elevados deverão continuar a inibir os consumidores, principalmente nos segmentos de produtos de alto valor unitário, onde é grande a importância das vendas a prazo. O comportamento das vendas neste trimestre não deverá ser suficiente para alterar o perfil geral do ano, em virtude da perda do poder aquisitivo da população e das apreensões quanto à manutenção do emprego.

**Perspectivas:** A queda no nível de emprego no período junho-agosto/81 foi 7,7%, em relação aos três meses anteriores. Contudo, agosto de 81 comparado com agosto de 1980 apresentou diminuição de 17,4%.

**Problemas:** Faltam dados sobre o terceiro trimestre, mas as empresas do setor esperam queda de 2% em relação aos valores exportados no ano passado. Problemas: Diminuição de pedidos e alta acentuada dos principais insumos de fusão (ferro-liga, eletrodos, coque, eletricidade, óleo combustível, areia, etc.).

**Emprego e investimentos:** A queda no nível de emprego no período junho-agosto/81 foi 7,7%, em relação aos três meses anteriores. Contudo, agosto de 81 comparado com agosto de 1980 apresentou diminuição de 17,4%.

**Perspectivas:** Produção e emprego devem continuar em queda no terceiro trimestre do ano.

**Movimento:** Dados da região metropolitana de São Paulo, referentes ao período julho-setembro, confirmam a tendência de queda das vendas observada desde os primeiros meses do ano. Até agosto, o volume real de vendas diminuiu 20,11%, em relação ao mesmo período do ano passado. Fontes do setor que há anos realizam pesquisas sistemáticas informam que 1981 é o pior ano desde 1976 para o comércio.

**Em setembro, o faturamento cresceu 1,5% em relação ao total de agosto, mas nos nove meses de 81 a retração nas vendas foi de 21%. Ainda em setembro, apenas os setores de supermercados (11,67%) e calçados (11,9%) apresentaram resultado positivo. Nas concessionárias de veículos, houve a maior queda de 53,34%, em relação ao ano passado.**

**Problemas:** Não se confirmaram as encomendas de vagões, esperadas desde fins do ano passado, da RFFSA e Fepasa.

Assim, com exceção dos pequenos pedidos de clientes dos setores de siderurgia e petroquímica, a carteira está vazia. Na linha de carros de passageiros, o andamento das entregas está mais reduzido, em razão da falta de recursos dos compradores, inclusive com atrasos de pagamento de carros já entregues. No segmento das locomotivas, um dos fabricantes está concluindo contrato de 74 unidades para a RFFSA e outro está iniciando as entregas de uma compra de 60 unidades pelo mesmo cliente. Em breve, o terceiro fabricante deverá iniciar as primeiras entregas de suas locomotivas.

**Perspectivas:** Tradicionalmente, o quarto trimestre é muito bom. Neste ano, a mudança da tabela do Imposto de Renda, desde outubro, vai ajudar as vendas, somando-se aos efeitos favoráveis do pagamento do 13º salário. Entretanto, os juros elevados deverão continuar a inibir os consumidores, principalmente nos segmentos de produtos de alto valor unitário, onde é grande a importância das vendas a prazo. O comportamento das vendas neste trimestre não deverá ser suficiente para alterar o perfil geral do ano, em virtude da perda do poder aquisitivo da população e das apreensões quanto à manutenção do emprego.